

## Liberdade, ciência e religião

*Raymundo Pinto*

Conta-se que um padre, muito radical em suas convicções religiosas, ensinava História num colégio de ensino médio. Um dia, ao dar aula sobre a origem do homem na face da terra, explicou tão somente a versão bíblica da Adão e Eva. Notou que um aluno, que já se revelara curioso e perguntador, levantava a mão com insistência. O professor logo percebeu que ele poderia fazer alguma pergunta sobre a versão antropológica de Charles Darwin. Tentando ser condescendente, deu a palavra ao inquieto discípulo, que de imediato perguntou: “Lá em casa meu pai falou que há uma teoria por aí que diz ter o homem vindo do macaco!...” . Sem se mostrar incomodado nem surpreso, o clérigo ironizou: “Meu filho, eu não me meto em assuntos de família...”

É claro que muitos vão afirmar que o fato não corresponde à realidade, não passando de uma piada. Diante de acontecimentos bem recentes ocorridos no nosso país, não se deve duvidar da possibilidade de divergências profundas entre pessoas – inclusive sobre temas de religião – levarem os contendores a insultos mútuos, culminando, às vezes, com atos de violência e posterior inimizade. Vale acrescentar, como demonstrado durante a campanha que antecedeu as últimas eleições, que os choques por disputas ideológicas também geram as consequências já mencionadas.

Depois que o presidente da República recém-empossado nomeou seus principais auxiliares, uma senhora que se diz “terrivelmente” evangélica, titular do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, numa gravação de poucos anos atrás, criticou a própria crença que adota por ter deixado os cientistas avançarem na propagação de teorias que contrariam a Bíblia. Enquanto a referida ministra andou dizendo algumas bobagens impensadas (alvo de intensa gozação nas redes sociais) – como a respeito da cor da roupa de meninos e meninas, por exemplo – suas atitudes não chegavam a comprometer a missão que lhe cabe no governo. Todavia, mostra-se preocupante o apego exagerado que tem aos dogmas religiosos, posição que pode interferir em suas futuras ações quando relacionadas a temas científicos. Para compensar, apareceu um colega dela, o ministro astronauta da Ciência e Tecnologia, que procurou minimizar as infelizes declarações, enfatizando os progressos científicos e sua independência de crenças religiosas.

É importante lembrar que o Brasil, durante todo o período monárquico (1822 a 1889), tinha uma religião oficial: a Católica. Graças, sobretudo, ao empenho do ilustre baiano Rui Barbosa, a primeira Constituição da República consagrou o princípio da liberdade de culto. São quase cento e trinta anos em que tal isenção permaneceu e nem sequer foi ameaçada. Em face disso, nunca houve, neste país, uma perseguição sistemática aos pesquisadores e cientistas no desenvolvimento de seus trabalhos. Sob o pretexto de que os seguidores tinham parte com o demônio – e até por racismo – existiu, de fato, um período já na fase republicana em que certas elites infiltradas na política incentivavam as forças policiais a perseguir o candomblé, uma religião de matriz africana. Registre-se que ocorreu uma sensível evolução nessa parte. Há pouco tempo, faleceu a famosa ialorixá Mãe Stella de Oxóssi, que até chegou a ser admitida na Academia de Letras da Bahia, tendo recebido aqui em Salvador e no interior, muitas homenagens da sociedade em geral. Mãe Menininha do Gantois, outra negra líder religiosa, sempre foi bastante respeitada enquanto viveu e ainda hoje. Segunda-feira passada, dia 21, por força da Lei Federal n. 11.635/2007, comemorou-se o Dia Nacional de

Combate à Intolerância Religiosa, um marco na luta antirracista (curioso: o autor da lei foi o deputado comunista Daniel de Almeida!). As manifestações preconceituosas contra os negros vêm sofrendo clara redução, não deixando de existir inevitáveis casos isolados.

Vamos torcer para que o bom senso prevaleça e que o novo governo federal que acaba de instalar-se mantenha o respeito às ideias – e também às ideologias políticas – de cada um, combatendo apenas aquelas que preguem a violência e a perturbação da ordem pública. Nunca é demais ler e cumprir os princípios de liberdade inscritos em incisos do artigo 5º da Constituição Federal, destacando-se: “IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”; “VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”; “VIII – ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei”; “IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”.